

Cine Íris: um olhar de cinema em Nova Floresta (PB)¹

Cecília Ludmilla MARINHO de Menezes²

Francisca Sara SILVA Xavier³

Emanoel Francisco Pinto BARRETO⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O produto audiovisual em questão conta a história do Cine Íris, cinema criado em 1959 no município de Nova Floresta, interior da Paraíba, exibindo filmes nacionais e internacionais famosos da época, tornando-se o principal ponto de encontro, lazer e sociabilidade da população local. Em virtude disso, o documentário foi produzido privilegiando a narrativa do dono e dos principais frequentadores, fontes que descrevem com fidelidade os detalhes do funcionamento e as práticas sócio-culturais desenvolvidas a partir do Cine Íris.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Cine Íris; Nova Floresta; Cinema; Produção Audiovisual.

1. INTRODUÇÃO

O presente documentário, “*Cine Íris: um olhar de cinema em Nova Floresta (PB)*” traz como tema a história de um antigo cinema criado em 1959 por Hamilton Marinho no município de Nova Floresta, interior da Paraíba, distante cerca de 160 quilômetros da capital potiguar. Eram exibidos, normalmente aos domingos, filmes nacionais e internacionais famosos à época, a exemplo da Paixão de Cristo, Coração de Luto, Bom Mesmo é Carnaval com Jackson do Pandeiro, Durango Kid, Cantando na Chuva, filmes de Bruce Lee, Casa Blanca, Os Brutos também Amam, O Homem que Sabia Demais, Bonequinha de Luxo, Candelabro Italiano, Dr. Jivago, entre outros.

O interesse pelo tema surgiu devido à estudante Cecília Marinho, integrante do grupo, ser sobrinha-neta do idealizador do Cine Íris, Hamilton Marinho. Ela cresceu ouvindo as histórias do cinema e decidiu homenagear a família com esse registro. Além da motivação familiar, também existe o interesse do grupo em documentar a história daquele cinema devido à sua singularidade e importância como meio de comunicação local para o cotidiano da cidade naquela quadra da história.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade documentário.

² Líder do grupo e Bacharel em Jornalismo, Cecília Ludmilla Marinho de Menezes, email: ceciliamarinho@live.com.

³ Coautora e Bacharel em Jornalismo, Francisca Sara Silva Xavier, email: sara-xs@hotmail.com.

⁴ Orientador, Prof. Dr. Emanoel Francisco Pinto Barreto, email: e.barreto@ufrnet.br.

O surgimento do Cine Íris aconteceu na mesma década em que se implantou o sistema televisivo no Brasil, em 1950. Entretanto, naquela época a televisão permaneceu como privilégio da região sudeste do país e das classes com maior poder aquisitivo devido aos altos custos dos aparelhos de TV. Somente a partir da década de 1970 as residências brasileiras começaram a abrir suas portas para aquele meio de comunicação. Dessa forma o Cine Íris foi por muitos anos o único meio de comunicação audiovisual da cidade de Nova Floresta, tornando-se o principal ponto de encontro, lazer e sociabilidade da população local.

Em decorrência disso cresce a importância da análise do Cine Íris como meio de comunicação propulsor das mudanças ocorridas no cotidiano florestense e nas suas práticas socioculturais. Logo, alguns questionamentos considerados pertinentes foram respondidos no documentário: por que e como o Cine Íris foi instalado em Nova Floresta? O que representou na vida dos seus frequentadores? Como ele modificou a rotina da sociedade local? E de que forma o cinema atuou como meio de comunicação? Por conseguinte, este documentário não se restringe a narrar a criação e evolução do Cine Íris, mas busca compreendê-lo como meio de comunicação e sua contribuição como um dos elementos impulsionadores para as mudanças socioculturais ocorridas na época na cidade de Nova Floresta. Sobre isso, Jesus Martín-Barbero diz:

[...] os processos e práticas da comunicação coletiva põem em jogo não só unicamente os deslocamentos do capital e as inovações tecnológicas, mas sim profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: nos modos de estar junto e tecer laços sociais, nas identidades que plasman tais mudanças e nos discursos que socialmente os expressam e legitimam (2003, p. 62-63).

Para responder tais indagações o tema foi abordado a partir da prática de um estudo jornalístico, investigando a história do Cine Íris através do relato do seu dono, Hamilton Marinho e fontes como os seus frequentadores e sua relação e visão sobre o cinema.

2. OBJETIVO

Mostrar a importância do Cine Íris como meio de comunicação e agente de desenvolvimento da cultura local. Avaliar a importância do Cine Íris nas mudanças sócio-culturais ocorridas em Nova Floresta no período de sua existência, bem como os diferentes significados atribuídos por seus antigos frequentadores. Descobrir a logística de funcionamento daquele cinema interiorano.

3. JUSTIFICATIVA

Além de a temática ser de interesse familiar, como escrito anteriormente a escolha desse cinema especificamente como objeto de estudo se deu após conhecermos a história dele. Pudemos percebermos a sua importância como meio de comunicação para o cotidiano da cidade durante o período de sua existência.

Este trabalho também se propõe a responder alguns questionamentos que alimentaram a curiosidade das discentes sobre o tema e motivaram a *voltar* no tempo para contar a história do Cine Íris contemplando também as seguintes indagações, o que levou um cidadão com pouca instrução educacional a abrir um cinema no interior da Paraíba e como foi conseguido todo material utilizado para a montagem do estabelecimento?

Outro ponto fundamental é a importância que o Cine Íris tem na história da pequena cidade de Nova Floresta. Sendo assim, este tema dará a oportunidade de praticar um estudo antropológico, investigando a história do Cine Íris através do relato de seus frequentadores e sua relação e visão sobre o cinema, resultando num documentário de mesmo nome como sendo o produto final.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Este documentário tem caráter etnográfico, pois foi realizado através da prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas. E também é uma produção qualitativa, estimulando os entrevistados a pensarem livremente sobre o tema colocado em questão.

Em um primeiro momento o projeto foi executado através de uma análise documental, ou seja, por meio da busca de informações em jornais, livros, dissertações e sites. A pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não através de uma interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social.

Já num segundo momento o projeto prosseguiu por meio da utilização do método história oral, com a gravação dos depoimentos dos antigos frequentadores do Cine Íris, bem como de seu antigo dono, a fim de captar falas que puderam nos fornecer relatos densos e

esclarecedores sobre o ambiente e as histórias ocorridas no Cine Íris desde a sua fundação em 1959.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a elaboração do presente documentário, buscamos conceitos que permitissem a compreensão da construção de um produto audiovisual e proporcionassem o entendimento das etapas de produção até a finalização do projeto.

Um dos conceitos é do autor Fernão Ramos. Segundo Ramos (2008, p.22), “identificar suas características e dizer o que é ou não documentário, não é tarefa fácil, mas uma particularidade do documentário é a de se apresentar como asserções ou proposições sobre o mundo histórico”.

Podemos afirmar que o documentário é uma *narrativa* basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregados de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa (RAMOS, 2008, p.22).

Essa narrativa possui diversas vozes que servem para enunciar as asserções ou proposições presentes no documentário. Utilizamos como meio de enunciação das asserções a voz dialógica, com argumentos sendo expostos na forma de diálogos, sem a introdução da voz *off*, ou seja, os personagens, a partir dos depoimentos, que contam a história do Cine Íris. Essa escolha foi feita com o propósito de evitar intervenções que pudessem direcionar ainda mais a história do Cine Íris, oferecendo mais propriedade e veracidade as falas dos personagens.

A tendência mais participativa do cinema direto/verdade introduz no documentário uma nova maneira de enunciar: a entrevista ou o depoimento. As asserções continuam dialógicas, mas são provocadas pelo cineasta. (RAMOS, 2008, p.22).

Outra característica fundamental para enriquecer o documentário e que também foi inserida neste trabalho é a memória dos objetos e dos lugares. Eles são componentes da história, que podem ser investigados através de diversos suportes (fotografias, notícias), permitindo o acesso à memória. Para Gauthier (2011, p.248), “os materiais são, então, os lugares, as obras de arte, os textos e, para o meio século anterior ao cinema, as fotografias”.

Por conseguinte, tendo em mente que o documentário é um produto que sofre mudanças constantes com a adoção de novas técnicas e abordagens a cada nova produção com o objetivo de trazer mais realidade ao produto audiovisual, também tentamos compreender o cotidiano de Nova Floresta. Isto nos levou a uma discussão sobre as implicações éticas de como trabalharíamos, especialmente porque:

Ao longo desse processo em que uma pessoa é transformada em personagem, inevitavelmente dados vão sendo perdidos. A ausência na tela do aperto sincero de mão quando chegamos sonega a informação de que o personagem foi gentil, e assim também a água oferecida, ou o café que foi buscar na cozinha. [...] O drama – que só nós conhecemos – é que a pessoa filmada só terá os poucos momentos em que a câmera estiver ligada para dizer quem é. Ela não sabe disso. (SALLES, 2005, p.68)

Com tal discussão em vista decidimos que as nossas intervenções deveriam ser limitadas ao necessário, deixamos os personagens à vontade para falar e tomamos todo o cuidado para explicar para que aquilo serviria, deixando todos cientes do que se tratava o projeto. Tivemos ainda zelo com autorizações (liberação de uso de imagem, de obras artísticas ou de acervo fotográfico, por exemplo), para evitar problemas futuros.

Ainda assim, temos certeza já de início a ideia de que o que seria contado no corte final não seria “a verdade” do que havia ocorrido ali, mas sim a nossa visão do que seria o mais importante e relevante para reconstruir aquela verdade, uma vez que “os documentários não são exatamente sobre os outros, mas sobre como documentaristas mostram os outros, [uma vez que] a representação de qualquer coisa é a criação de outra coisa” (SALLES, 2005, p. 67).

No documentário também procuramos considerar o cinema como meio de comunicação e cultura. A partir da exibição de filmes de vários países, de tema fictício ou não, o cinema cumpre uma função informativa, mostrando atores e registros de determinados períodos da história. Além disso, com o passar dos anos e da disseminação dos filmes, o cinema adquiriu um papel importante na estandardização de valores e comportamentos socioculturais. Portanto, analisamos o Cine Íris, dentro de um contexto geral, o cinema como meio de comunicação e produtor de uma cultura de massa.

No cinema esse público viu a possibilidade de experimentar, adotar novos hábitos e ver reiterados (e dramatizados com as vozes que gostaria de ter e ouvir) códigos de costumes. Não se ia ao cinema para sonhar, ia-se para aprender. Através dos estilos dos artistas ou dos gêneros da moda, o público foi se reconhecendo e transformando, apaziguou-se, resignou-se e se ufanou secretamente. (BARBERO, 1997, p.231 e 232).

Além disso, Barbero fala sobre o papel de nacionalização do cinema, dando a oportunidade de se conhecer um fato, um lugar, um membro ou grupo da sociedade, que muitas vezes faz parte do nosso cotidiano, mas temos dificuldade de acessar.

As pessoas vão ao cinema para se ver, numa sequência de imagens que mais do que argumentos lhes entrega gestos, rostos, modos de falar e caminhar, paisagens, cores. Ao permitir que o povo se veja, o cinema o nacionaliza. (BARBERO, 1997, p. 232).

Entretanto, como o objeto do documentário é apenas um cinema numa determinada cidade, também foi preciso analisar o Cine Íris de forma recortada, como sugere Costa no livro “Compreender o cinema”.

O cinema é aquilo que se decide que ele seja numa sociedade, num determinado período histórico, num certo estágio de seu desenvolvimento, numa determinada conjuntura político-social ou num determinado grupo social. (COSTA, 2003, p.29).

Dessa forma, mesmo sabendo que o documentário é um produto delimitado dos fatos reais, o grupo tentou explorar na abordagem de diferentes histórias sob os distintos pontos de vista que se entrecruzam para dar vazão a uma história maior.

Por conseguinte, adentramos na parte prática do documentário. Em agosto de 2014 o grupo viajou a Nova Floresta para apurar mais informações sobre o Cine Íris. O encontro com Hamilton Marinho, dono do antigo cinema aconteceu logo pela manhã, quando foi realizada a chamada entrevista de profundidade, resultando em um áudio que durou cerca de duas horas.

A partir dessa entrevista, Hamilton Marinho pôde apontar os principais nomes da história do Cine Íris, alguns que já tinham falecido, outros que estavam vivos. No dia seguinte o grupo procurou esses personagens na cidade, conseguindo falar e ter uma conversa com quase todos que Hamilton havia indicado. O grupo anotou os contatos dos entrevistados e disse-lhes que em breve ligariam para marcar a gravação. Nós tínhamos consciência que os relatos daquelas pessoas através da história oral seriam enriquecedores para o documentário e sua proposta de resgate histórico. A respeito da história oral, Paul Thompson disse:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Também é importante destacar que o grupo coletou fotos antigas, foi ao museu em que fica guardado o projetor de 35mm e alguns rolos de filmes e observou os possíveis locais de gravação.

Em seguida elaboramos um pré-roteiro, que foi construído com base na observação de Nova Floresta e do áudio da entrevista de profundidade realizada com Hamilton Marinho. Com base nisso e na identificação dos personagens que iriam compor o documentário, foi possível estabelecer marcações, perguntas e os locais de gravação. Mas, antes de irmos a Nova Floresta tivemos a assistência técnica do cinegrafista Reginaldo Holanda.

A fase das gravações aconteceu em outubro de 2014. Elas foram sequenciadas, conforme estabelecido no pré-roteiro. Ao todo foram seis entrevistados: Hamilton Marinho, aposentado e dono do antigo cinema, Kydelmir Dantas, engenheiro agrônomo e historiador, José Faustino, mecânico, José Pereira, engenheiro eletricitista, Hiranilda Marinho, cabeleireira e Sebastião Francisco, comerciante.

Fizemos imagens de apoio evidenciando detalhes dos personagens e da cidade, gravamos as entrevistas em plano médio e também fizemos algumas panorâmicas de Nova Floresta. A câmera utilizada foi a Sony HXR-NX5.

Em seguida as gravações foi realizada a decupagem, que nada mais é do que identificar as sonoras, registrar o que foi dito nelas e fazer uma escolha prévia das melhores imagens e falas dos personagens, já levando em consideração a ordem cronológica dos fatos, da história a ser contada. Segundo Neide Duarte em “Caminhos de uma repórter”:

A segunda fase, tão importante quanto a primeira, é a decupagem das fitas. A transcrição literal. Só uma decupagem perfeita resultará em um bom roteiro. [...] mesmo quando estou decupando não abandono nada. Não tem nada que eu possa dizer com garantia: isso não vai entrar. O universo inteiro (imagens, entrevistas) me acompanha o tempo todo. (DUARTE, 2001, p. 94).

O processo da decupagem foi realizado a partir do programa de edição *Final Cut*, sendo anotado simultaneamente num roteiro. A partir do roteiro da decupagem foi iniciado o processo de edição. Começamos cortando as sonoras escolhidas e montando a ordem na

timeline, com o cuidado de observar a sequência das falas, quais as “deixas” mais interessantes para dar continuidade a outro personagem. Como ficou com um tempo bem maior do que esperávamos, foi preciso ouvir novamente a montagem e deixar apenas o conteúdo mais relevante.

Depois disso feito acrescentamos transições entre as sequências sonoras. Essas transições foram compostas por imagens de apoio dos personagens, imagens da cidade, fotografias, trechos de filmes da época.

Na edição também utilizamos alguns recursos para nos ajudar a introduzir e finalizar o documentário, como também para remeter ao passado. No começo fizemos uma montagem do que seria o início de um filme antigo, com o barulho de um projetor rodando. Durante o documentário também utilizamos trilhas de cantores que fizeram sucesso na tela e no palco do Cine Íris, a exemplo de Marinês, Os Incríveis, bem como trilhas instrumentais, a exemplo das músicas do Quinteto Armorial.

Em seguida foi ajustado o áudio de todo o documentário, seja de trilha ou dos personagens, deixando num mesmo padrão de audição. As imagens também sofreram alguns efeitos básicos com a finalidade de igualar as tonalidades das sequências. Por último, o vídeo foi renderizado (processo pelo qual pode-se obter o produto final de um processamento digital qualquer) e exportado com o padrão de qualidade de imagem *full HD*.

6. CONSIDERAÇÕES

Construir um documentário falando sobre a história de um espaço que não existe mais e em outro município que não é o que você mora é difícil. Mesmo assim, a vontade de fazer o registro de fatos tão importantes para a comunicação, para a população de uma cidade e também para uma família, foi maior do que qualquer dificuldade.

Até então o Cine Íris estava guardado nas lembranças dos seus frequentadores, em poucas fotografias e nos rolos de filmes e velhos projetores, já enferrujados, expostos no museu de Nova Floresta. Com o produto audiovisual foi possível recuperar a memória desse cinema e reviver grandes momentos que aconteceram nele. Agora parte dessa história está documentada, registrada, pronta para ser estudada e assistida por quem quer que seja.

Com isso, partindo do princípio básico do jornalismo - da divulgação de informações - a autora e a coautora esperam que principalmente, as próximas gerações de florestenses, possam também ter um olhar do Cine Íris e levar adiante não só a cultura que o cinema fez

florescer na cidade, mais levar a ideia de que com esforço e dedicação é possível realizar sonhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Editora Globo, 2003.

DUARTE, Neide. “Caminhos de uma repórter”. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo: n. 22, set./dez. 2001, p. 92 - 95.

GALANO, Ana Maria e outros. **A Cumplicidade com a Vida**. Entrevista com Eduardo Coutinho In: *Filme Cultura*. Rio de Janeiro: Embrafilme, n. 44, 1984, p. 33 - 48.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: Um outro cinema**. São Paulo: Editora Papyrus São Paulo, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. IN: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SALLES, João Moreira. “A dificuldade do documentário”. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; CaiubyNovaes, Sylvia (orgs.) **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2005, p.57-71.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.